

Mídia e morte na contemporaneidade: construindo cemitérios em redes sociais

Media and death in contemporary times: building cemeteries in social networks

■
RIBEIRO, Renata Rezende. A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Rio de Janeiro: Eduff, 2015. 223p.

Neste estudo pioneiro, apresentado no livro “A morte midiaticizada”, recentemente lançado no Brasil, Renata Ribeiro articula um dos temas mais antigos, fundamentais e estruturantes da humanidade – a morte –, com outro, característico da contemporaneidade, a Internet – mais especificamente, a interatividade das comunidades virtuais. A obra, que se baseia na tese de Doutorado em Comunicação, contém uma conjunção de duas temáticas – o que, à primeira vista, pode parecer paradoxal, uma vez que, para existir em pleno funcionamento, a internet carece da interação entre pessoas. O ponto de encontro entre os dois temas se estabelece a partir da constatação da existência de uma espécie de “cemitério virtual” nas redes sociais, vigentes no Brasil desde 2004. A criação de comunidades virtuais para reunir perfis de usuários que morreram na “vida real” se apresenta como atualização dos significados da morte, em tempos em que a vida é cada vez mais digitalizada.

A morte é um processo, cuja representação se situa em determinado contexto histórico, social e cultural. Portanto, está intrinsecamente articulada ao desenvolvimento de dispositivos tecnológicos e comunicacionais. A proposta de Ribeiro é con-

* Psicóloga, com Especialização em Psicologia da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, RJ, Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/0766664730578605>

templar a relação das técnicas e dos meios de comunicação dos principais elementos que atravessam o imaginário da morte que dão sentido às narrativas. Nas palavras da autora: “o espaço, o tempo, a memória e o esquecimento [...], interligados, dão sentido às narrativas, sejam elas textuais, imagéticas ou multimídias” (2015, p. 22). Para ilustrar este entrelaçamento e promover uma discussão em torno das transformações históricas das representações da morte, Ribeiro traça paralelos entre o poema *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1998[c.1307]), escrito no século XIV, e as comunidades virtuais de mortos em redes sociais, como Orkut e Facebook, construídas no século XXI. Apesar de não contar com explicitação da metodologia utilizada, a autora esclarece que, a partir dessas comunidades, extraiu aleatoriamente alguns perfis. Segundo Ribeiro, a escolha aleatória é típica do meio virtual em que se inserem os perfis, por ser atualizado a todo instante (Ribeiro, 2015, p. 23). A análise surpreende, ao apresentar um conjunto de aspectos de aproximação entre suportes comunicacionais tão díspares. Apesar da lacuna de tempo e espaço que separa os dois dispositivos, os elos imagéticos encontrados na pesquisa empreendida apontam características culturais mais ou menos mantidas ao longo dos séculos, representações que um olhar desatento tenderia a naturalizar.

O livro está dividido em cinco capítulos, além da introdução e conclusão, e conta com apresentação de Marialva Carlos Barbosa. O primeiro capítulo situa os leitores acerca dos dispositivos comunicacionais contemporâneos, demonstrando como os novos suportes, a exemplo das redes virtuais, constituem formas particulares de relacionamento e interação, possibilitando novos modos de vivenciar a morte. O segundo capítulo aborda a representação espacial da morte a partir do diálogo entre *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1998[c.1307]), e os “cemitérios virtuais”, traçando um paralelo entre a Idade Média e a contemporaneidade. No terceiro, a autora discute sobre a noção de tempo como símbolo da morte, uma vez que o Além atenderia ao desejo de infinitude dos seres humanos. No quarto capítulo, elabora-se a ideia dos lugares de memória como forma de prolongar a existência para além da morte, tendendo à eternidade. No último, a autora retrata aproximações entre a Idade Média e a “Idade Mídia”, a contemporaneidade virtual, a partir dos símbolos da morte que se transformaram, mas se mantiveram ao longo dos séculos.

A análise começa por situar o leitor diante das tecnologias de comunicação, a partir de um breve histórico das técnicas e tecnologias que se relacionam com as referências intelectuais das sociedades. Desde o primeiro sistema técnico coerente da humanidade, com o desenvolvimento dos transportes, da arte, da guerra e da escrita, a trajetória é traçada, até a contemporaneidade, caracterizada pelas tecnologias digitais do ciberespaço. Deste modo, a obra destaca as transformações dos fluxos de informação, sempre presentes na base da organização social e dos sistemas de poder. As técnicas se mostram híbridas, não se esgotam. Antes, elas se transformam e se atualizam, implicando um novo modo de presença do sujeito no mundo. A Internet, por possibilitar a produção, distribuição e intercâmbio de dados de diferentes expressões culturais, conduz a diversas consequências nos processos sociais, transformando os conceitos associados a espaço e tempo, além de suas articulações, dimensões fundamentais da vida. Esta permanente interatividade e conectividade mediam cada vez mais as relações humanas. É neste cenário que surgem as comunidades virtuais, caracterizadas pelo sentimento de pertença, pela



territorialidade – por mais que se trate de um *locus* imaterial – e pela permanência, condição essencial para o estabelecimento das relações sociais. As comunidades virtuais, portanto, designam agrupamentos humanos que atuam no ciberespaço, organizados em torno de uma finalidade comum. No caso das comunidades virtuais dos mortos, a afinidade que reúne seus usuários é o interesse de agregar perfis de pessoas que morreram. Assim, configuram-se novos espaços para se pensar a morte na contemporaneidade. Estas comunidades se apresentam como “cemitérios digitais”, conforme denominação de Ribeiro. Configuram-se como locais de relação entre os vivos e os mortos e, ainda, de manutenção da existência do morto como se fosse vivo, a partir de seu *profile*, que contém seus “rastros digitais” (textos, sons e imagens) disponibilizados pelo usuário ainda em vida.

A partir da localização das redes sociais no mundo e da apresentação do “fenômeno” das comunidades virtuais de mortos, nos quatro capítulos seguintes Ribeiro aprofunda o diálogo entre as relações com a morte na Idade Média e na “Idade Mídia”, denominação escolhida pela autora para se referir à contemporaneidade, caracterizada pelo ciberespaço. Referindo-se, principalmente, às obras de Wertheim (2001), Le Goff & Schmitt (2006), e Ariès (2003), Ribeiro propõe uma reflexão sobre a história do espaço dos mortos, que atravessa o presente. Para tanto, se permite empreender saltos temporais, traçando paralelos entre os imaginários das duas épocas. Ao buscar “entender a lógica, as razões e os sentidos produzidos que engendram uma forma (nova ou não) de se relacionar com a morte” (Ribeiro, 2015, p. 25), a autora baseia-se na *Divina Comédia*, que inaugura um imaginário sobre a morte e o morrer na Idade Média, e as comunidades virtuais. No segundo capítulo, o aspecto a ser abordado quanto à representação da morte se refere ao espaço que ela ocupa na sociedade, tanto no imaginário da Idade Média como na Idade “Mídia”. Segundo Ribeiro (2015, p. 55), os espaços da morte – materiais ou imateriais – são criados culturalmente, no intuito de localizar o corpo e a alma e, assim, talvez encontrar sentido para a morte. A autora parte deste princípio, com base em Wertheim (2001), que busca compreender porque o ciberespaço é visto como tentativa de construção de um espaço tecnológico para o lugar cristão do Paraíso, uma vez que estes dois locais – Paraíso e ciberespaço – contariam com características análogas. Nas palavras de Renata Ribeiro: “se transcenderia a carne para gozar de uma vida eterna” (Ribeiro, 2015, p. 56). No entanto, ao considerar esta informação como pressuposto, a ideia não fica clara para um leitor que não tenha conhecimentos neste campo temático.

A autora argumenta que o espaço em que ocorrem as narrativas da morte são, ao mesmo tempo, produtos e produtores de sentidos. Alighieri, pela técnica da escrita, construiu, no século XIV, uma longa e detalhada descrição do esquema espacial do Além. A representação espacial do mundo dos mortos é retratada pelo Inferno, representado por um mundo subterrâneo, estruturado em níveis organizados em ordem decrescente, de acordo com a gravidade do pecado cometido. As almas “alojadas” no Inferno estariam condenadas ao sofrimento, sem possibilidade de salvação. No Purgatório, pelo contrário, há esperança de ascender à trilha do Paraíso. Assim, este espaço é representado por uma montanha que ultrapassa a esfera do ar, alcançando o céu. Na *Divina Comédia*, o Purgatório também é dividido em níveis, cada um deles ligado a um dos sete pecados capitais (Ribeiro, 2015, p. 66). Contudo, na narrativa de Alighieri, o Purgatório contrasta com o Inferno, ao ser caracterizado pela ordem e pela limpeza, que assinalam o



sentido moral do processo de purificação e salvação da alma. O Paraíso é o local de mais difícil descrição, pois é caracterizado pela ausência de tempo e espaço que representam a salvação eterna ao lado do amor divino. Esta construção, formulada por Alighieri, corresponde às transformações religiosas e sociais que modificaram o mundo terreno e o Além, naquele século XIV e que foram profundamente discutidas por Le Goff (1993). Esta representação contrasta com o sistema binário do Além (Inferno e Paraíso), "vigente" até o século XII. O Purgatório resolvia um problema do cristianismo da época, constituindo-se como espaço de espera pelo Juízo Final, ao qual a alma será submetida.

Ribeiro se baseia nestas imagens de Alighieri, para contemplar o imaginário simbólico associado à morte e ao morrer na Idade Média. Apresenta, ainda, algumas similitudes com os cenários construídos nas comunidades virtuais dos mortos, na contemporaneidade. Os saltos temporais na pesquisa de Ribeiro, entre a Idade Média e a Idade "Mídia", consistem em tentativas de compreensão das permanências e rupturas dos sentidos produzidos nas duas épocas. No entanto, ao transpor temporalidades tão distantes, a autora destaca similitudes anacrônicas nas simbologias encontradas, sem alcançar uma análise mais aprofundada de seus significados. Nos dois casos, haveria uma espécie de bimaternalidade, uma real e outra virtual, com interação entre elas. O Além, mais especificamente o Purgatório, e as comunidades virtuais, seriam, assim, locais de coexistência entre os vivos (real) e os mortos (virtual). Nesse sentido, os vivos interferem diretamente, ao prolongarem a existência dos mortos, seja pelos sufrágios (no caso da doutrina do Purgatório) ou pela manutenção do perfil (no âmbito das comunidades virtuais). Em ambos os casos, os mortos dependeriam dos vivos para reavivar suas memórias e, desta forma, prolongar sua existência. É neste sentido que a autora afirma que o ciberespaço seria um espaço sagrado, por estabelecer canais de comunicação com o transcendental (Ribeiro, 2015, p. 78). O mundo dos vivos manteria diálogo direto com o universo dos mortos, estabelecendo espaços de debate e atualização de narrativas de morte.

No terceiro capítulo, a discussão se centra na dimensão temporal como símbolo da morte, tomando como pressuposto que a noção de tempo está entrelaçada às concepções de matéria e memória; o que, conseqüentemente, acarretaria um imbricamento com a morte. O objetivo deste capítulo é analisar a percepção e a produção de temporalidades que contribuíram para formatar as representações de morte no Ocidente. O conceito de tempo, por sua associação com a experiência humana, sofre influências do contexto sócio-histórico e, também, do desenvolvimento tecnológico. O tempo das comunidades virtuais apresenta um paradoxo. Por um lado, pressupõe o dinamismo da velocidade, com as constantes atualizações de narrativas em tempo real, conferindo uma sensação de simultaneidade e instantaneidade. Por outro lado, também se apresentaria uma desaceleração, na medida em que atende ao desejo de prolongar a vida, por meio da manutenção da memória do morto.

O sentido humano do tempo necessariamente envolve, segundo a autora, a consciência de duração: um passado que se relaciona com o presente por intermédio da memória e um futuro que implica o significado de expectativa. Neste sentido, a desaceleração do tempo das comunidades virtuais marcaria um presente que não quer se tornar futuro, uma vez que se desejaria evitar a realidade que o futuro apresenta. De acordo com Ribeiro (2015, p. 99), a consciência



da própria morte consiste em indício capaz de conduzir os indivíduos à busca de suspensão do fluxo do tempo para prolongar a própria existência. Ao abordar esta característica da morte como marco temporal, a autora tangencia os debates em torno do tabu da morte. Contudo, não aprofunda a discussão, refletindo sobre os meios pelos quais a sociedade, ao longo dos tempos, buscou resolver a questão da finitude, pela comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos. A evocação do passado no presente, por meio das narrativas construídas e compartilhadas pelos usuários, promoveria um espaço que serve de apoio para a compreensão da morte, interesse comum do grupo.

No quarto capítulo é apresentada a ideia de que os lugares de memória constituem uma forma de prolongar a existência para além da morte, tendendo à eternidade. De acordo com Patrick Geary (2006, p. 167), conforme citado pela autora (Ribeiro, 20015, p. 133), os rituais da morte são construídos a partir da memória que se tem dos defuntos, de modo que estes se tornam presentes, por meio das palavras e dos objetos. Os ritos funerários têm como função preservar nos vivos a lembrança dos mortos, pois estes, por não estarem mais presentes no mundo material, podem ser esquecidos. O costume de se lembrar dos mortos seria mantido pelo receio pessoal de esquecimento após a morte. Assim, as comunidades virtuais podem ser entendidas como projetos de memória, na medida em que sua manutenção depende da atualização constante da narrativa a partir das autobiografias formadas pelos "restos digitais" deixados pelos mortos, e dos relatos construídos pelos outros participantes. Segundo Ribeiro,

a comunidade [virtual dos mortos] promove a atualização constante da narrativa sobre os mortos, formando, como na [Divina] Comédia, uma espécie de caleidoscópio da morte, em que as biografias dos mortos são constituídas não apenas pelos 'restos' deixados pelo usuário dessa rede quando vivo (os perfis que são montados nas comunidades pelo próprio usuário), mas por relatos construídos pelos participantes da rede sob a forma de lembranças e relatos de acontecimentos, dos quais o indivíduo, um dia, participou" (2015, p. 136).

Portanto, as comunidades digitais dependem do compartilhamento de memórias que fornecem à sociedade pistas de um passado. As técnicas de escrita e oralidade presentes na *Divina Comédia* forneciam uma imagem construída pela imaginação do leitor ou pelo ouvinte do poema, a partir da descrição ritmada dos espaços dos mortos. No século XIV, tal imagem facilitava a memorização do conteúdo proposto por Alighieri, com o propósito de promover um sistema de crenças e valores do cristianismo. As comunidades virtuais, enquanto suporte de comunicação, também conservam a memória, em textos, imagens, sons ou qualquer técnica que propicie a construção de uma imagem (visual ou mental). Por meio de mensagens de texto, sons e imagens do morto e dos demais participantes, constrói-se uma biografia, de modo a produzir um suporte para que seus membros possam se lembrar de seus mortos. O movimento nas comunidades é contínuo, com múltiplas narrativas que caracterizam um ambiente pulverizado, de forma que o excesso de conteúdo propicia a possibilidade de perda. A manutenção da memória depende da atualização daquela biografia e, também, do desejo do usuário em acessar a rede



social.

Por fim, no último capítulo, Ribeiro indica aproximações de representações simbólicas da morte da Idade Média e da Idade Mídia. Se na Idade Média os cemitérios se transformaram a partir dos preceitos da doutrina cristã, na Idade Mídia são construídos cemitérios em interface digital. Retomando os estudos de Schmitt (1999), Lauwers (2005), Le Goff (2005), entre outros, Ribeiro (2015, p. 179) traça um breve histórico sobre o cemitério, que concentrou a proximidade do espaço dos vivos e do espaço dos mortos. Inicialmente, nos séculos V e VI, era um local afastado, na tentativa de manter a morte distante. No século VII, a Igreja aborda a “passagem para a outra vida” como um ato de esperança, e os cemitérios são deslocados para os arredores das igrejas paroquiais. Na Alta Idade Média, caracterizada pela preocupação com o indivíduo, o juízo final passa a ser abordado como um julgamento individual, ao invés de coletivo, e observa-se o surgimento das sepulturas personalizadas. No século XVIII, preocupa-se com a morte do outro, de modo que os cemitérios são caracterizados por sepulturas individualizadas, inscrições nas lápides, garantindo certa imortalidade ao morto e o espaço se configura como um local de visita. Assim, a história do cemitério marca a relação paradoxal entre os vivos e os mortos: ora de distância, ora de proximidade (Ribeiro, 2015, p. 185).

Para Ribeiro, o imaginário social acerca de um lugar e do cuidado dos mortos, na contemporaneidade, teria influenciado a “arquitetura digital” dos cemitérios virtuais, nos quais cada corpo é diferenciado, por túmulos individualizados, até que seja necessário “revirar a terra” para dar lugar a novos mortos, de maneira semelhante ao que se passou na Alta Idade Média (2015, p. 186). As comunidades virtuais dos mortos atualizam certos símbolos funerários que permaneceram na cultura ocidental durante séculos. Em sua análise, Renata Ribeiro destaca o túmulo personalizado (2015, p. 191), seja nos cemitérios a partir da Alta Idade Média ou nos “cemitérios virtuais”, em que a lápide seria o *link*, no “fórum” da comunidade do Orkut, com breve identificação do morto; o ‘túmulo em si’, acessado por meio do link (lápide), contendo descrições pessoais mais ampliadas; e o caixão representado pelo perfil formado pelos vestígios (textos, fotos, vídeos, músicas e outras informações) deixados pelo morto. A autora também destaca a cruz, que sugere a anunciação da morte, encontrada na “lápide” e “túmulo” dos cemitérios virtuais (vide Ribeiro, 2015, p. 197, figura 11), e o retrato, que tem como função facilitar a lembrança do morto. Constata-se, então, a reconstituição de objetos-memória, desenvolvidos ao longo da história do Ocidente, conforme conceitos de Le Goff (2003) e Ricoeur (1995). Este último autor entende que o tempo humano é narrativa e, portanto, o afrouxamento do limite temporal imposto pela morte rumo à ausência da temporalidade seria afirmado e viabilizado pela memória. (Ribeiro, 2015, p. 94).

Por séculos, as significações da morte são construídas com base em uma crença no “corpo duplo” (Ribeiro, 2015, p. 212), seja no corpo imaterial (imortal), representado pelo fantasma, espírito, alma; ou corpo digital, composto por textos, imagens e sons disponibilizados pelo indivíduo em seu perfil pessoal. Seja a alma ou o corpo digital das redes sociais, esse corpo imaterial é produzido sobre os vestígios deixados pelos mortos. Segundo Ribeiro, ao longo do tempo, os diferentes rituais funerários são organizados para promover uma aproximação entre esses tipos de dois corpos. Trata-se de uma interação entre a imaterialidade, com o objetivo de propiciar



a materialidade, por meio de elementos sinestésicos (Ribeiro, 2015, p. 213). Portanto, o modo como a morte é vivida em diferentes contextos está associado à produção de sentidos em torno da experiência socialmente compartilhada da morte. A pesquisa realizada por Ribeiro enfoca os espaços dos mortos construídos no espaço dos vivos e seus simbolismos. Contudo, não contempla os rituais funerários que marcam a transição de um mundo para o outro.

Ao finalizar a análise em "A morte midiaticizada", a autora traça uma breve trajetória ao longo dos séculos, dos espaços dos mortos construídos que possibilitaram que os vivos mantivessem relacionamento com o mundo dos mortos. Com um texto claro e linguagem acessível, Ribeiro ilustra como o imaginário simbólico da morte da Idade Média permanece presente na atualidade e é continuamente reinventado nos dispositivos comunicacionais digitais. A autora se refere à permanência de certos símbolos mortuários pelos séculos, por exemplo, pelo uso da cruz nos cemitérios reais ou virtuais. Essa referência pode transmitir uma ideia de naturalização do uso de símbolos na cultura Ocidental. A identificação de semelhanças e continuidades em períodos distintos pode instigar o leitor. Contudo, a identificação de permanências sem a devida análise histórica é passível de conduzir a conclusões precipitadas. Os "saltos temporais" empreendidos por Ribeiro deixam uma lacuna na análise acerca dos processos que conduziram aos diferentes panoramas e atitudes diante da morte e do morrer, podendo transmitir uma ideia equivocada ao leitor sobre condições históricas de mudanças sociais. Contudo, há de se levar em conta que a pesquisa foi empreendida a partir de referenciais da área de conhecimentos da Comunicação. É neste sentido que o conteúdo apresentado deve ser absorvido: uma análise dos meios utilizados pelos vivos para buscar estabelecer conexões com os mortos. Tais meios se baseiam em símbolos que permanecem ao longo dos séculos.

Ao mesmo tempo em que a atualidade do tema enfatiza a relevância inquestionável da pesquisa empreendida por Renata Rezende Ribeiro, também confere e evidencia um tom de pesquisa em aberto. A inserção e participação dos usuários em redes sociais se configuram como temas recentes, na medida em que os dispositivos comunicacionais e os modos de interação possibilitados por tais meios se encontram em constante mudança. A construção de identidades e interações virtuais implica em novas formas de sociabilidade e "modos de ser", como analisados por Paula Sibília (2008). As articulações entre as tecnologias de comunicação e informação e o processo do morrer e a morte, como evento final, se encontram em transformação, como reflexo das mutações concernentes à experiência de si. As redes sociais, enquanto recente suporte virtual de construção de identidade e de relacionamentos, marcam um novo capítulo na genealogia da subjetivação, ao influenciar os processos de elaboração de si, conforme abordagem de Nikolas Rose (2011). Neste sentido, vale citar o recente trabalho de Candi Cann, *Virtual Afterlives: Grieving the dead in the Twenty-First Century* (2014), em que a autora aborda as transformações na vivência da morte, questionando o novo diagnóstico referente ao luto no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, formulado pela Associação Americana de Psiquiatria, em 2013), e também novas formas e espaços de homenagem aos mortos, como por meio das tatuagens e das redes sociais. Em decorrência da simultaneidade dos fatos com a pesquisa, a temática demanda análises futuras, a fim de aprofundar a contextualização, demarcando uma caracterização própria da contemporaneidade e as consequências subjetivas e



sociais, referentes à morte e ao processo do morrer.

O caminho para futuras pesquisas foi aberto por Ribeiro. O paralelo por ela traçado entre Idade Média e Idade Mídia evidencia e reitera que as comunidades virtuais dos mortos configura uma marca dos tempos atuais. Os “cemitérios digitais” são construídos a partir de símbolos pré-existentes e, de algum modo, também influenciarão formas futuras de significação da morte. Deste modo, não restam dúvidas de que “A morte midiaticizada” se consagra como referência obrigatória para estudos futuros e novas investigações sobre o tema. A leitura desta obra instiga tanto profissionais das áreas da comunicação e da história quanto qualquer pensador, interessado em refletir sobre os sentidos da vida, da morte e, sobretudo, os significados de pessoa e identidade, no século XXI.

Referências bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. São Paulo: Editora 34, 1998[c.1307]. 696p.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 291p.

CANN, C. K. *Virtual afterlives: grieving the dead in twenty-first century*. Lexington: University Press of Kentucky, 2014. 212p.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval II*. São Paulo: Edusc, 2006, p. 167-181.

LAUWERS, Michel. *Naissance du cimetière: lieux sacres et terre dès morts dans l'Occident medieval*. Paris: Aubier, 2005. 394p.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993. 448p.

_____. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 524p.

_____. *A civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2005. 399p.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006. 680p.

RIBEIRO, Renata Rezende. *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Rio de Janeiro: Eduff, 2015. 223p.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, vol. 2, 1995. 286p.

ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2011. 312p.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 300p.



SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286p.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 238p.

Recebido em: 12 de julho de 2017

Aprovado em: 21 de junho de 2017

